

Papai Noel Morreu

Luiz Vivas

Meu nome é Olívia. Tenho oitenta e seis anos. Como se pode observar, ainda estou lúcida. Dos incômodos da velhice, não gosto muito de reclamar. Vez por outra minha memória falha, confundo um pouco as coisas, mas o que se há de fazer? Chato mesmo é quando a artrose não me deixa caminhar. Puxa, como dói! Contudo essa dor não é nada se comparada àquela que senti quando presenciei a morte de meu primeiro e grande amigo. Ele me queria tanto, tanto! Arriscara a própria vida para me salvar do inferno.

Tudo começou quando eu tinha cinco anos. Meus pais eram donos de uma pequena pensão. Morávamos nos fundos. Eles não tinham o costume de presentear-me com brinquedo. Até no Natal e no meu aniversário, davam-me sempre a mesma coisa: roupinhas. Baratas, é claro. Afinal, nossas economias eram poucas. Mas com o mesmo dinheiro gasto para melhorar meu vestuário, bem que podiam, de vez em quando, comprar um brinquedinho para mim. Ah, como eu gostaria de ganhar uma boneca!

Acabara de completar cinco anos no dia anterior, quando, sentada na soleira da porta de entrada da pensão, o vi pela primeira vez. Ele vinha caminhando não muito depressa. Apesar disso, ao fazê-lo, balançava o corpo de tal maneira que sua longa barba branca ia de um lado para o outro num uniforme movimento pendular. Achei aquilo engraçado.

Diante da pensão, o velho parou. Sem nada dizer, sentou-se na beira da calçada e começou a olhar para o céu. De repente, como se tivesse avistado alguém nas nuvens, passou a falar coisas inaudíveis com aquela pessoa imaginária. Usava uma espécie de gorro vermelho e um cinto preto, bem largo, que passava por baixo de sua imensa barriga. Trazia nas costas, uma surrada mochila de pano. Não usava botas, nem veio puxado por renas, mas na ótica dos meus cinco anos, ele era Papai Noel.

- Papai Noel, porque você tá sujo? – perguntei, chegando bem perto de seu ouvido.

Ele me respondeu com ternura, alegando não ter lugar para tomar banho, nem para lavar suas roupas. E, baixando a cabeça, num sussurro, reclamou da fome que sentia.

- A pensão ainda esta aberta, porque você não en-

tra para comer? – indaguei.

O velho sorriu, maneou a cabeça e, em seguida, começou a chorar. Fiquei com tanta pena dele que fui pedir a meus pais para ajudá-lo. Mas ao invés de ser atendida, recebi uma ordem no sentido de evitá-lo, não conversar com estranhos. Eu não podia entender. Afinal, Papai Noel não era um estranho!

Naquele dia, fui proibida de voltar à porta da pensão. Então, enquanto minha mãe ajudava a fiscalizar as mesas e meu pai se preocupava em vigiar o dinheiro do caixa, apanhei na cozinha dois pães, um bom pedaço de mortadela, algumas frutas, enfi num saco e corri para meu quarto. A janela dava para a rua e ficava a uns quatro metros de altura da calçada. Gritei por Papai Noel. Ao vê-lo, joguei o saco. Até hoje não me esqueço da expressão de alegria contida em seu rosto bochechudo.

A partir de então, nasceu entre nós uma grande amizade, pura e eterna. Ele, respeitando minha inocência, e eu, fazendo dele meu primeiro brinquedo.

Na manhã seguinte, o velho de barbas brancas apareceu de novo. Queria conversar com ele, mas papai não deixou e, ainda por cima, enxotou-o dali como se faz com um cão.

Vendo aquilo, chorei. E nos dias seguintes também. Não tinha vontade de comer, nem conseguia dormir direito. Triste, passava os dias, debruçada na janela do meu quarto. Papai ficou preocupado com aquilo e mandou um dos garçons procurar o velho. Apesar de ter andado por toda região, o empregado não encontrou nem sinal de Papai Noel. Eu continuava triste, diferente da menina alegre que sempre tinha sido. O médico falou em depressão infantil e outras coisas mais, enquanto eu só queria ficar na janela olhando para o nada.

Era manhã de Natal quando ele surgiu ao longe. Saí da janela gritando: "Papai Noel, Papai Noel voltou!" E só parei em seus braços a cerca de cem metros dali. Ele apenas repetia: "Minha menina! Minha menina!" Em seguida, com delicadeza, colocou-me no chão e, segurando minha mão, levou-me de volta até a porta da pensão, onde meus pais, imóveis, acompanhavam a cena.

Ali, sem nada dizer, retirou da velha mochila um

embrulho e me deu. Eu, ansiosa, rasguei o papel e vi diante de mim a mais bonita boneca de pano deste mundo de Deus. Feliz, olhei para meus pais na esperança de vê-los, enfim, alegres, mas, para minha surpresa, choravam...

Papai, ainda emocionado, chamou o velho de barbas brancas para conversar em particular. Não sei por que o bate-papo durou mais de uma hora. A partir de então, recebi permissão para conversar com Papai Noel diante da pensão, sempre que ele aparecesse. Nessas ocasiões me era permitido servir um prato de comida ao meu amigo, o que fazia com satisfação.

Com o passar do tempo uma coisa foi ficando clara para mim: o velho de barbas brancas não era o Papai Noel de verdade. Apesar disso, continuei a chamá-lo assim.

Gabriel, ele chamava. Mamãe disse que aquele nome era nome de um anjo. Quando Papai Noel apareceu, perguntei logo se ele era um anjo. "Olívia, não existe anjo assim tão gordo," ouvi como resposta. Decepcionada, fiquei tristonha. Mas o velho logo voltou atrás e confessou que era mesmo um anjo, embora aquilo fosse um segredo e deveria ficar guardado entre nós. Concordei.

Em certas ocasiões, meu amigo desaparecia. Contudo, quando o velhote surgia de novo não cabia em mim tanta alegria. Eu perguntava o porquê daquele sumiço. A resposta: "Bebedeira, minha menina, bebedeira". Algum tempo depois, soube que ele assumira um compromisso com meu pai no sentido de não aparecer alcoolizado perto de mim.

- O dia que eu aparecer bêbado na sua frente, minha menina, que Deus me tire a vida – dizia.

Eu já havia completado dez primaveras quando tudo aconteceu.

Papai Noel não aparecia há duas semanas. Aquele dia começou a escurecer depressa e o último empregado acabara de ir embora. Meu pai estava diante do caixa contando dinheiro quando os bandidos chegaram. Eram dois. Um deles portava arma de fogo. Roubaram não só a fêria do dia, assim como o dinheiro guardado no cofre, economias de muitos meses. Mas não foi só, levaram-me com eles.

Enfiaram-me num carro velho e fomos embora. Ao contrário de meus pais, eu não gritava. Estava tão assustada que emudeci. Amarraram meus pulsos com uma corda, enquanto o carro era posto em movimento. Em menos de cinco minutos, o automóvel estacionou. Um dos bandidos colocou-me no ombro e começou a subir o morro. Não andou quase nada e logo entrou comigo num barraco mais afastado dos outros. Eu não compreendia como podiam levar-me para uma favela tão perto da pensão, nem qual seria o interesse deles por mim.

Um dos bandidos avisou ao comparsa que duas pessoas estavam estiradas no chão perto do barraco, parecendo mortas. O outro deu de ombros – "E daí? Não fomos nós!?" – comentou. Em seguida, começaram

a contar o dinheiro roubado. Sorriam. Apenas sorriam. Pareciam ter esquecido de mim.

Logo depois, um dos criminosos disse que iria comprar o pó. E saiu. Quando voltou, estava diferente, agitado, inquieto. Passou a conversar baixinho com o comparsa, enquanto este cheirava algo colocado sobre uma tábua. Um rádio foi ligado em alto volume. De repente um deles começou a passar mal e, pouco depois já não dava sinal de vida. O outro ria diante do colega estendido no chão. Ato contínuo começou a se despir. Envergonhada, não querendo vê-lo nu, virei minha cabeça para o lado oposto.

Em seguida, duas mãos enormes tocaram meu corpo e, de um só puxão, arrancaram meu vestido branco. Assustada, comecei a gritar por papai e mamãe, enquanto ele ria, ria, não parava de rir.

Continuei clamando por socorro, mas o alto volume do rádio abafava meu berreiro.

Tentei fugir, mas fui jogada sobre a cama. Continuei gritando por socorro diante daquele homem nu, que me agarrava pelos cabelos e estava preste a deitar sobre mim.

- Papai, mamãe, Papai Noel, socorro!!!

Quando meu inferno parecia não ter fim, alguém cambaleante surgiu no interior do barraco: "Me dá minha menina", gritava ameaçador. Nas mãos um pedaço de pau. Sua postura faria lembrar uma figura quixotesca, caso se pudesse conceber um D. Quixote gordo e bêbado tentando proteger uma criança indefesa. Em verdade, tinha na alma a valentia insana do Cavaleiro da Triste Figura, mas no físico era, por assim dizer, uma réplica de Sancho Pança. Ao ver aquele homem risível surgir diante de si, o criminoso, embora se mostrasse surpreso, não demonstrava ver nele pessoa capaz de atacá-lo com eficiência.

Ainda assim, caminha na direção de uma mesa sobre a qual repousa um revólver e, armado dele, volta-se para o invasor. A um metro de distância puxa o gatilho duas vezes sem piedade. Mas Papai Noel continua de pé. Cambaleia. Mãos levantadas ainda segura a madeira com firmeza. De repente um assovio provocado pelo deslocamento de ar é ouvido e só termina quando o pau atinge com violência a cabeça do bandido. Outras pauladas são desferidas até que o corpo fica inerte no chão. Muita sorte os dois projéteis terem picotado!

Comigo nos braços, Papai Noel passa a correr de maneira desengonçada. Tropeça algumas vezes, mas consegue sair da favela. Já estamos perto da pensão e, para meu alívio, vejo uma viatura da polícia: "Parado" – grita o policial. Papai Noel me aperta em seus braços e prossegue: "Só entrego aos pais" – ele murmura e continua a correr. O tiro vem por trás. Caímos. Nunca mais o vi de pé.

Na manhã seguinte, ainda o choro. A boneca seguiu com o corpo. Ah, meu brinquedo! Meu verdadeiro brinquedo! Salvou-me do inferno e foi para o céu, para sempre.